Robson Andrade: "O Paraguai é uma oportunidade"

TEMPO

Robson Andrade, presidente da CNI (Foto: Igo Estrela/ÉPOCA)

Em maio, **Robson Andrade**, de 65 anos, candidato único, será reeleito para seu segundo mandato de quatro anos à frente da **Confederação Nacional da Indústria** (**CNI**), entidade que representa 200 mil empresas, cujo faturamento equivale a 25% da riqueza produzida no país. Dono da Orteng, empresa com atuação em energia, telecomunicações, infraestrutura e, claro, indústria, Andrade afirma que o próximo presidente da República terá desafios enormes para tornar o Brasil competitivo no mercado internacional. A **CNI** está finalizando um estudo para ajudar o país a crescer com mais qualidade, diz. Vamos entregar em junho mais de 40 propostas aos candidatos. Uma de suas preocupações é com a

alta carga tributária, de quase 40% do PIB. Segundo Andrade, esse cenário estimula indústrias brasileiras a investir em outros países como o Paraguai, o destino mais recente. A carga tributária no Paraguai é de 20% e a energia elétrica é muito mais barata. O presidente Horácio Cartes está trabalhando para atrair empresários brasileiros e transformar o país numa plataforma de exportações. Na semana passada, Andrade recebeu ÉPOCA em seu gabinete, em Brasília, para esta entrevista.

ÉPOCA O governo paraguaio assedia indústrias brasileiras para se instalarem por lá. Que fenômeno é esse?

Robson Andrade Isso teve início após Horácio Cartes assumir a Presidência do Paraguai, em agosto do ano passado. Ele tem uma visão empresarial e está mostrando que quer transformar o Paraguai num bom local de investimentos. O Paraguai mantém acordo de preferência comercial com a União Europeia e está firmando um com os Estados Unidos. Cartes transformará o Paraguai numa plataforma de exportações aqui no Mercosul. De outubro para cá, Cartes já esteve em Brasília acompanhado de dez ministros, mandou emissários ao Brasil conversar com empresários locais e recepcionou uma missão com mais de 170 empresários brasileiros em Assunção. Cumprimentou um por um. Ele está buscando cliente o tempo inteiro, não só no Brasil. A nós, os paraguaios perguntam onde a gente quer investir e como queremos investir. Eles estão nos ouvindo e estão aguerridos como bons vendedores.

ÉPOCA Qual é a vantagem para os industriais brasileiros investirem no Paraguai?

Andrade Temos uma indústria diversificada e bem distribuída no país, que tem crescido sobretudo nas regiões Norte e Nordeste. No entanto, o Brasil é um país caro sob todos os aspectos. O custo da mão de obra é elevado e não tivemos aumento de produtividade que acompanhasse esse aumento de custo. Os encargos trabalhistas são altíssimos, a burocracia emperra a produção e a infraestrutura é falha. Para não falar nos insumos da produção, que são caríssimos. O Paraguai está indo num caminho diferente. A carga tributária no Paraguai é de 20% do PIB. A energia é farta e 65% mais barata que no Brasil. Além disso, o Paraguai tem um programa de incentivo à industrialização, que cobra apenas 1% de imposto se as empresas contratarem a mão de obra local. É uma vantagem competitiva grande demais.

Continuação: Robson Andrade: "O Paraguai é uma oportunidade"

ÉPOCA Os empresários brasileiros demonstram interesse na oferta paraguaia?

Andrade As indústrias têxteis, de vestuários, de fármacos, metal-mecânicas estão animadas em investir no Paraguai por essas facilidades que o presidente Cartes está mostrando. É claro que lá existem problemas sérios de infraestrutura e da falta de mão de obra qualificada. O cenário é bem mais grave que no Brasil. Por isso, penso que, num primeiro momento, as indústrias que se instalarão no Paraguai são aquelas que necessitam de mão de obra e energia elétrica intensivas. O Brasil ficará com as indústrias que demandem mão de obra mais qualificada para produtos sofisticados.

ÉPOCA A criação de empregos na indústria brasileira não ficará ameaçada?

Andrade Temos uma situação de quase pleno emprego no Brasil. E os investimentos brasileiros hoje no Paraguai somam US$ 500 milhões. Se multiplicarmos por dez, ainda serão valores relativamente pequenos comparados aos investimentos no Brasil. Não vejo risco para o Brasil.

ÉPOCA O senhor já confrontou o governo brasileiro com todas essas vantagens paraguaias?

Andrade O governo já tem esse diagnóstico. Aliás, o que não falta no Brasil é diagnóstico da situação. Um dos fatores que mais nos preocupam é a carga tributária altíssima. Chega a quase 40% do PIB, um nível bem parecido aos dos países ricos. A diferença é que não temos a infraestrutura que os países ricos têm, nem acesso aos serviços que eles disponibilizam. Apesar desses gastos altíssimos com tributos, os empregadores brasileiros ainda têm de arcar, por exemplo, com assistência médica e transportes de seus funcionários. Há ainda outras despesas que podem se tornar definitivas, como a multa de 10% sobre o FGTS paga ao governo quando há demissão sem justa causa. O governo diz que não pode abrir mão desses valores para não prejudicar o programa Minha Casa Minha Vida. Mas o Minha Casa Minha Vida já conta com os subsídios necessários para sua manutenção.

ÉPOCA Como deixar esse cenário desvantajoso para trás?

Andrade Estamos finalizando um grande estudo sobre dez fatores-chave que podem melhorar a **competitividade** da indústria brasileira. Pretendemos sugerir mais de 40 medidas nesse sentido. Estamos mapeando quais mudanças podem ser conduzidas diretamente pelo governo e quais precisam passar pelo Congresso. Vamos entregar todas as propostas em junho aos responsáveis pelos programas econômicos dos candidatos à Presidência da República. Vamos descer aos detalhes em questões como tributos, meio ambiente, educação e comércio. Para ter ideia da profundidade do estudo, vamos sugerir com quais países o Brasil deve firmar acordos bilaterais. Esse, aliás, é um ponto crucial. Sabemos que abrir mercados traz benefícios para as indústrias brasileiras e aumenta nossa participação no **comércio internacional**.

ÉPOCA Mas o Brasil está preso ao Mercosul. É possível selar acordos sem a participação dos outros integrantes?

Andrade Se estiver difícil demais, temos de ir sozinhos. A conjuntura da Argentina atrapalha. Os governos têm uma visão de muito longo prazo e pensam no acordo para séculos. A gente, da iniciativa privada, pensa no médio prazo, coisa de dez anos. Mas as questões políticas entre os países não podem impedir os acordos comerciais. A Argentina, por exemplo, não consegue estabelecer propostas para que a gente discuta de forma competitiva um acordo com a União Europeia. Eles estão pensando muito em se proteger da desvalorização da moeda. Mas tenho notícias de que está havendo avanços. Torcemos muito pela Argentina. É um parceiro comercial im-

Continuação: Robson Andrade: "O Paraguai é uma oportunidade"

portantíssimo para o Brasil, principalmente no setor automotivo. Por isso, sou favorável ao financiamento das importações argentinas que tenham o Brasil como vendedor. Muitos países fazem isso.

ÉPOCA O senhor ainda está preocupado com a agressividade de exportações da China?

Andrade A gente sempre se preocupou com a parte do comércio chinês, que é desleal: contrabando, pirataria e subfaturamento. E a gente também sabia que os custos da produção chinesa eram irreais, como o trabalhista e o câmbio artificial. Nesses últimos anos, aumentamos o nível de fiscalização sobre os produtos chineses, e a China passou por certa pressão social, o que fez com o que os salários subissem e os preços dos produtos também. Hoje já não existe tanta pressão para inibir as importações chinesas, com algumas exceções. Entre elas estão o setor têxtil, o de siderurgia e máquinas e a área de equipamentos. A China também fez muitos investimentos no Brasil. Assim passaram a faturar mais no Brasil e menos por intermédio de suas exportações. Isso mudou a relação econômica entre os dois países.

ÉPOCA A presidente da Petrobras, Maria das Graças Foster, afirmou que a empresa não pode priorizar a aquisição de equipamentos da indústria brasileira se isso representar um risco para sua produção. O que senhor acha?

Andrade Hoje, a Petrobras incentiva a compra local. Essa política começou no governo do presidente Lula e, por isso, foram montados vários estaleiros voltados a atender à indústria petrolífera, principalmente a Petrobras. Acho muito importante que a empresa mantenha esse incentivo. Se a Petrobras tem preocupações em relação a atrasos na entrega de encomendas, a gente tem de trabalhar em cima desses atrasos para ajudar a empresa a cumprir suas metas. O que não podemos é perder esse mercado. Até porque não conseguimos vender para o mercado de petróleo e gás nos Estados Unidos ou no Mar do Norte. Não podemos deixar que concorrentes internacionais ganhem essa disputa. Ainda mais porque tenho certeza de que temos capacidade de atender às demandas da Petrobras.